

CENTRALIDADE INTRAURBANA EM RIBEIRÃO PRETO – SP

CENTRALIDAD INTRAURBANA EN RIBEIRÃO PRETO – SP

NOTES ON THE INTRAURBAN CENTRALITY IN RIBEIRÃO PRETO – SP



Victor Hugo Quissi Cordeiro da SILVA¹
e-mail: victor.quissi@unesp.br

Como referenciar este artigo:

SILVA, Victor Hugo Quissi Cordeiro da. Centralidade intraurbana em Ribeirão Preto-SP. **Revista Geografia em Atos**, Presidente Prudente, v. 7, n. 1, e023008. e-ISSN: 1984-1647. DOI: <https://doi.org/10.35416/2023.9066>



| **Submetido em:** 07/12/2021
| **Revisões requeridas em:** 25/11/2022
| **Aprovado em:** 07/02/2023
| **Publicado em:** 20/02/2023

Editoras: Eda Maria Góes
Karina Malachias Domingos dos Santos
Roberta Oliveira da Fonseca

¹ Universidade Estadual Paulista (UNESP), Presidente Prudente – SP – Brasil. Mestrando em Geografia. Bolsista de Mestrado da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP) – Processo: (2021/04735-1).
Revista Geografia em Atos, Presidente Prudente, v. 7, n. 1, e023008, 2023. e-ISSN: 1984-1647
DOI: <https://doi.org/10.35416/2023.9066>

RESUMO: Neste artigo analisamos a densidade e concentração de atividades comerciais e de serviços em Ribeirão Preto – SP como indicador da centralidade intraurbana desta cidade. Demonstramos que a cidade apresenta múltiplas áreas centrais ao longo da malha urbana, sem que com isso o centro principal perca a capacidade de exercer importante papel na estruturação do espaço urbano. O par desconcentração – reconcentração é central para a compreensão deste tema, porque a partir dele podemos interpretar as novas concentrações como parte de processos socioespaciais. O papel desempenhado pelos shopping centers é destacado neste texto e, a partir dos resultados alcançados, estabelecemos hipóteses sobre o papel desempenhado por essas grandes empreendimentos comerciais. Em relação a centralidade urbana, ora os shopping centers reforçam a centralidade exercida pelo centro principal, ora observamos a tendência de localização fora do centro principal, o que podemos inferir como parte do processo de redefinição da centralidade urbana. Reservamos especial atenção aos aspectos metodológicos desenvolvidos durante nossa pesquisa, sobretudo na formação do banco de dados, construído a partir do Cadastro Nacional de Endereços para Fins Estatísticos (CNEFE) e da Classificação Nacional de Atividades Econômicas (CNAE).

PALAVRAS-CHAVE: Centro. Centralidade. Multicentralidade. Policentralidade. Ribeirão Preto.

***RESUMEN:** En este artículo analizamos la densidad y concentración de actividades comerciales y de servicios en Ribeirão Preto – SP como indicador de la centralidad intraurbana de esta ciudad. Demostramos que la ciudad tiene múltiples áreas centrales a lo largo del tejido urbano, sin que el centro principal pierda su capacidad de jugar un papel importante en la estructuración del espacio urbano. El binomio desconcentración – reconcentración es central para la comprensión de este tema, pues a partir de él podemos interpretar las nuevas concentraciones como parte de procesos socioespaciales. En este texto se destaca el papel que juegan los centros comerciales y, con base en los resultados alcanzados, establecemos hipótesis sobre el papel que juegan estos grandes emprendimientos comerciales. En cuanto a la centralidad urbana, en ocasiones los centros comerciales refuerzan la centralidad que ejerce el centro principal, en ocasiones observamos una tendencia a ubicarse fuera del centro principal, lo que podemos inferir como parte del proceso de redefinición de la centralidad urbana. Reservamos especial atención a los aspectos metodológicos desarrollados durante nuestra investigación, especialmente en la conformación de la base de datos, construida a partir del Registro Nacional de Domicilios con Fines Estadísticos (CNEFE) y la Clasificación Nacional de Actividades Económicas (CNAE).*

PALABRAS CLAVE: Centro. Centralidad. Multicéntrico. Policentralidade. Ribeirão Preto.

***ABSTRACT:** In this article we analyze the density and concentration of commercial activities and services in Ribeirão Preto – SP as an indicator of the intra-urban centrality of this city. We demonstrate that the city has multiple central areas along the urban fabric, without the main center losing its ability to play an important role in structuring the urban space. The pair deconcentration – reconcentration is central to the understanding of this theme, because from it we can interpret the new concentrations as part of socio-spatial processes. The role played by shopping centers is highlighted in this text and, based on the results achieved, we established hypotheses about the role played by these large commercial enterprises. Regarding urban centrality, sometimes shopping centers reinforce the centrality exercised by the main center, sometimes we observe a tendency to be located outside the main center, which we can infer as part of the process of redefining urban centrality. We reserve special attention to the methodological aspects developed during our research, especially in the formation of the database, built from the National Register of Addresses for Statistical Purposes (CNEFE) and the National Classification of Economic Activities (CNAE).*

KEYWORDS: Center. Centrality. Multicentricity. Polycentricity. Ribeirão Preto.

Introdução

Com base na revisão bibliográfica de textos que abordam a localização das atividades comerciais e de serviços em cidades médias e da análise de dados e produção de mapas, pudemos verificar as múltiplas áreas centrais de Ribeirão Preto – SP. Nesta cidade o centro consolidado ou principal é investido de grande capacidade de concentração de atividades comerciais e de serviços, ou seja, é uma área central que exerce importante papel da estruturação da cidade e dos deslocamentos intraurbanos (de pessoas, mercadorias e etc.). No entanto, novas áreas centrais estão presentes em Ribeirão Preto, contribuindo para formação de uma estrutura multinucleada. Este processo, por sua vez, tem se dirigido sobretudo ao setor sul da cidade, onde podemos observar novas concentrações das atividades terciárias.

Tomamos como referência o texto de Sposito e Sposito (2017) para introduzir a discussão sobre as estratégias e as lógicas econômicas e espaciais que se articulam na dinâmica das áreas centrais, conformando diferentes centralidades urbanas. As lógicas econômicas tornam-se espaciais porque são praticadas pelas empresas na sua procura por adequação ao espaço urbano e aumento da performance econômica pois, com o objetivo de “diminuir custos e ampliar as bases territoriais de ação” (SPOSITO; SPOSITO, 2017, p. 468), elas buscam o crescimento de sua participação no mercado, mesmo que a escolha da localização não seja a mesma para diferentes empresas e para diferentes ramos de atividade, embora as decisões sejam, necessariamente, condicionadas por essas lógicas.

A decisão pela localização dos pontos de vendas das empresas (principalmente das redes de empresas) seja pelo recorte da escala nacional ou regional ou, mesmo, considerando o espaço urbano, obedece a uma lógica que visa à apropriação desses espaços com três objetivos básicos: 1) a garantia do lucro; 2) a busca de hegemonia setorial; e 3) a necessidade de procurar, sempre, diferentes possibilidades de compra, incorporação ou objetivando o enfraquecimento das outras empresas ou redes, tal como expressaram Sposito e Sposito (2017). Por essas estratégias, as tendências à concentração ou centralização econômica, por um lado e, por outro, os movimentos de concentração ou desconcentração espacial resumem as principais características das lógicas econômicas. No caso de Ribeirão Preto, essas lógicas, próprias da economia capitalista, condicionam os critérios que as empresas utilizam para a escolha dos locais para a instalação de seus estabelecimentos comerciais. Como veremos mais adiante, as escolhas de localização implicam diretamente na requalificação do centro principal da cidade e na formação de outros centros, não necessariamente de forma hierárquica, que configuram novas centralidades na cidade.

Em relação aos procedimentos metodológicos adotados, trabalhamos para a construção de um banco de dados a partir do Cadastro Nacional de Endereços para Fins Estatísticos (CNEFE) e da Classificação Nacional de Atividades Econômicas (CNAE). O passo subsequente foi a produção de mapas que representassem a distribuição espacial dos estabelecimentos comerciais e de serviços identificados na base de dados. Portanto, é na combinação geográfica entre as bases teóricas de lógicas inerentes ao sistema capitalista e suas manifestações empíricas que procuramos analisar as dinâmicas das centralidades em Ribeirão Preto – SP.

Construção da base dados para o mapeamento das atividades comerciais e de serviços

Para a elaboração da base empírica do estudo, utilizamos dois procedimentos metodológicos: a formação de um banco de dados das atividades comerciais e de serviços, e a produção de mapas que expressam as concentrações de atividades econômicas estudadas, ou seja, comércio e serviços. O banco de dados foi construído a partir do Cadastro Nacional de Endereços para Fins Estatísticos (CNEFE), tal banco de dados é produzido pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) junto com os censos demográficos.

Os resultados que serão apresentados expressam a dimensão espacial das atividades comerciais e de serviços em Ribeirão Preto para o ano de 2010. Entendemos que a disparidade temporal nos dados não impossibilita o desenvolvimento de análises socioespaciais sobre o tema porque o cotejamento da informação geográfica com o que ocorre na cidade por meio de trabalho de campo confirma que, nos últimos anos, em termos de localização, as mudanças não foram significativas. Pretendemos demonstrar que o uso do CNEFE em estudos que versem sobre estudo dos centros e da centralidade intraurbana podem resultar em potencial de análises mais detalhadas e minuciosas, como já foi demonstrado em estudos de Miyazaki (2013), Porto-Sales (2014), Ruano (2015), Carli (2015), Battistam (2015), Porto-Sales et al. (2013).

No CNEFE encontramos algumas informações fundamentais sobre os endereços cadastrados e destacamos os seguintes: Tipo de Logradouro; Título do Logradouro; Nome do Logradouro; Bairro e Número do Lote. Com essas informações podemos realizar análises espaciais a partir das técnicas de geoprocessamento, mapeando a distribuição dos endereços a partir dos objetivos da pesquisa e das intenções do pesquisador. Destacamos, também, que essa base de dados é produzida no âmbito nacional e, por essa razão, podemos comparar os resultados obtidos em diferentes cidades do Brasil. O CNEFE traça uma primeira classificação

dos endereços catalogados, separados em sete variáveis (numeradas de 1 a 7), como apresentamos no Quadro 1.

Quadro 1 – Variáveis do Cadastro Nacional de Endereços para Fins Estatísticos (CNEFE)

Variáveis do Cadastro Nacional de Endereços para Fins Estatísticos (CNEFE)	
1	Domicílio particular
2	Domicílio coletivo
3	Estabelecimentos agropecuários
4	Estabelecimentos de ensino
5	Estabelecimentos de saúde
6	Estabelecimentos de outras finalidades
7	Edificações em construção

Fonte: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Org.: Victor Hugo Quissi Cordeiro da Silva

Como podemos perceber a partir da análise do Quadro 1, os níveis de agregação dos endereços catalogados pelo CNEFE permanecem numa dimensão muito genérica no que se refere à descrição das atividades econômicas, sobretudo das atividades comerciais e de serviços, foco do nosso estudo. Sendo assim, buscamos construir nossa própria base de dados tomando, como referência, os endereços identificados pelo CNEFE. Construímos, no programa *Excel*, uma tabela com todos os endereços encontrados e, em seguida, separamos as variáveis que mais interessam: 4 (Estabelecimentos de Ensino), 5 (Estabelecimentos de Saúde) e 6 (Estabelecimentos de Outras Finalidades). Estas são as variáveis mais importantes para identificar a localização das atividades comerciais e de serviços no CNEFE.

Após a primeira etapa buscamos classificar os endereços a partir da Classificação Nacional de Atividades Econômicas (CNAE). Esta classificação, que também é organizada pelo IBGE, organiza as atividades econômicas em níveis hierárquicos, partindo de uma descrição mais ampla até chegar numa definição mais específica. As atividades são descritas a partir das seguintes posições: seções, divisões, grupos, classes e subclasses, respectivamente, partindo do mais genérico ao mais específico. No quadro 2 há uma descrição de sua estrutura.

Quadro 2 – Composição da Classificação Nacional de Atividades Econômicas

Posições	Quantidade	Codificação
Seções	21	(letras maiúsculas de “A” a “U”)
Divisões	87	(letras maiúsculas de “A” a “U”)
Grupos	285	(até o terceiro dígito numérico)
Classes	673	(até o quarto dígito numérico + um dígito verificador)

Subclasses	1.318	(+ mais dois dígitos numéricos após o dígito verificador)
-------------------	-------	---

Fonte: Subcomissão Técnica para a CNAE. Org.: Victor Hugo Quissi Cordeiro da Silva

Tomamos como opção metodológicas classificar os endereços do CNEFE até o terceiro nível da CNAE, ou seja, a até a posição de Grupo. Para que o leitor compreenda melhor a classificação empreendida pela CNAE, inserimos o Quadro 3 com a descrição de seu primeiro nível (Sessão), com o qual realizamos nossas análises sobre a centralidade intraurbana em Ribeirão Preto.

Quadro 3 – Descrição das atividades por seção segundo a Classificação Nacional de Atividades Econômicas (CNAE)

SEÇÃO	DESCRIÇÃO CNAE
A	Agricultura, pecuária, produção florestal, pesca e aquicultura
B	Indústria extrativa
C	Indústria de transformação
D	Eletricidade e gás
E	Água, esgoto, atividades de gestão de resíduos e descontaminação
F	Construção
G	Comércio; reparação de veículos automotores e motocicletas
H	Transporte, armazenagem e correio
I	Alojamento e alimentação
J	Informação e comunicação
K	Atividades financeiras, de seguros e serviços relacionados
L	Atividades imobiliárias
M	Atividades profissionais, científicas e técnicas
N	Atividades administrativas e serviços complementares
O	Administração pública, defesa e seguridade social
P	Educação
Q	Saúde humana e serviços sociais
R	Artes, cultura, esporte e recreação
S	Outras atividades de serviços
T	Serviços domésticos
U	Organismos internacionais e outras instituições extraterritoriais

Fonte: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Org.: Victor Hugo Quissi Cordeiro da Silva

A partir da planilha do *Excel* com os endereços do CNEFE demos início à classificação das variáveis 4, 5 e 6, tomando como critério classificatório a estrutura da CNAE. Dessa forma, identificamos a posição de cada um dos endereços dentro da estrutura da CNAE formando nossa própria base de dados. Gostaríamos de salientar o nível de detalhamento alcançado que esta metodologia permite, pois conseguimos classificar grande parte (não a totalidade) dos endereços do CNEFE, o que legitima e garante credibilidade dos resultados.

A centralidade intraurbana em Ribeirão Preto – SP

Ribeirão Preto é uma cidade média localizada à aproximadamente 348 km da capital do estado de São Paulo. A população estimada no último censo demográfico (2010) foi de 604.682 habitantes e, segundo estimativas do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), no ano de 2021 a cidade teria chegado a marca de 720.116 habitantes. De acordo com a última publicação da Regiões de Influência das Cidades (REGIC, 2018), Ribeirão Preto aparece como um arranjo populacional que influencia 81 municípios e ocupa a posição de Capital Regional A, dentro da hierarquia de cidades.

Quadro 4. Evolução populacional em Ribeirão Preto – SP

ANO	POPULAÇÃO
1940	80.591
1950	92.160
1960	111.429
1970	212.879
1980	316.918
1990	422.386
2000	504.162
2010	604.682
2021*	720.116

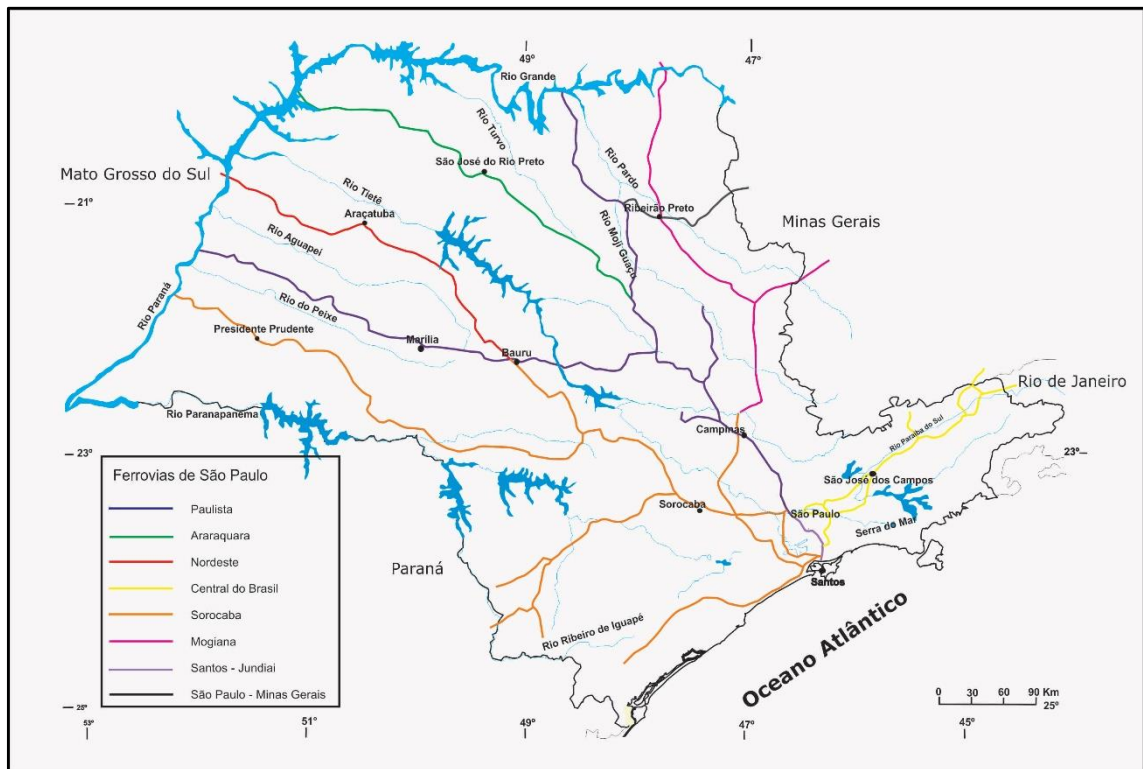
*Estimativa do IBGE

Fonte: IBGE. Org.: Victor Hugo Quissi Cordeiro da Silva

Como podemos perceber a partir do Quadro 4, Ribeirão Preto teve grande avanço populacional a partir da década de 1960, tendência que se manteve estável nas décadas seguintes e, com as estimativas do IBGE, manteve-se com crescimento acelerado acrescentando em seu contingente populacional aproximadamente 100.000 habitantes por década. Estas informações podem indicar uma cidade que possui um grande dinamismo econômico e que, por isso, sustenta um crescente número de habitantes.

A partir dos estudos de Ruano (2015) e Carli (2019), podemos identificar quatro períodos de crescimento do centro de Ribeirão Preto. De início destacamos que o povoamento intensivo do município ocorrerá com a expansão da produção de café no Estado de São Paulo e a criação da Estrada de Ferro Mogiana. Ribeirão Preto chegou a ocupar as principais posições na produção de café no país e, com a ferrovia, estava conectada ao principal ponto de exportação do estado, o porto de Santos, como pode ser observado na Figura 1.

Figura 1 – Estradas de Ferro no Estado de São Paulo



Fonte: Site Portal do Professor²

A transferência da estação ferroviária para as proximidades da Praça XV de Novembro marca o primeiro momento do centro de Ribeirão Preto. Esta mudança dá condições para que o entorno da praça e da estação se constituam como área com grande acessibilidade, condição essencial para a instalação de atividades comerciais e de serviços.

O segundo período terá, como característica, a expansão do centro e a sua popularização. Com a crise internacional de 1929, levas de trabalhadores rurais migraram para a cidade, buscando oportunidades de trabalho. Paralelamente, as classes de alta renda que até então residiam no centro da cidade se deslocaram para outras áreas, abandonando casarões que serão ocupados por atividades comerciais e de serviços. Grandes obras também contribuem para transformar o centro da cidade nesse período, como o Quarteirão Paulista e o Edifício Diederichsen. Porém, como afirma Carli (2019, p. 116),

[...] a intervenção de maior destaque consistiu na implantação das avenidas Nove de Julho, Independência e Francisco Junqueira e no alongamento da Avenida Jerônimo Gonçalves que, juntas, delimitavam a área de localização do centro da cidade (FIGUEIRA, 2013, p. 105). Nesse contexto, Calil Jr. (2003, p. 92) salienta que as avenidas citadas constituem amplas vias, que são responsáveis pela distribuição do tráfego de veículos na cidade.

² Disponível em: <https://portaldoprofessor.fct.unesp.br:9000/topico/formacao-socioespacial/>.

O terceiro período de expansão do centro está situado entre as décadas de 1940 e 1960. Apesar do pequeno crescimento territorial, este momento foi caracterizado por maior diferenciação funcional das atividades do centro, com pequena expansão territorial. De acordo com Carli (2019), o entorno da Praça XV de Novembro é direcionado às elites e o entorno da Estação Mogiana às classes populares, ao comércio atacadista e a atividades industriais.

O último período, também destacado por Calil Junior (2003), corresponde às décadas de 1960 a 1980. Este momento é marcado por uma nova popularização do centro, sobretudo devido ao abandono da área pela população de alta renda para as atividades de consumo que, por sua vez, vai acessar os novos eixos comerciais destinados ao comércio de luxo. Sendo assim, as lojas e serviços do centro voltam-se às camadas populares como já se mostrava no período anterior. As mudanças no uso do solo marcaram as transformações no centro de Ribeirão Preto, passando do predomínio do uso residencial para o uso comercial, confirmando que a expansão foi acompanhada de uma setorização do centro principal.

Após o intervalo anteriormente descrito, Carli (2019) destaca a continuidade do processo de popularização do centro. A cidade ganha, a partir dos anos 1980, shopping centers na zona sul e, nos anos 1990, também no centro da cidade. Porém, podemos observar a formação de ruas especializadas no comércio popular e no de alta renda dentro do próprio centro, conformando processos de diferenciação socioespacial. As vias que formam os setores de alta renda são as avenidas Nove de Julho, Independência, Presidente Vargas, 13 de maio e Castelo Branco, e os setores de média e baixa renda são conformados pelas avenidas da Saudade, Brasil, Costa e Silva, Dom Pedro I, do Café e Bandeirantes (CARLI, 2019, p. 127-128).

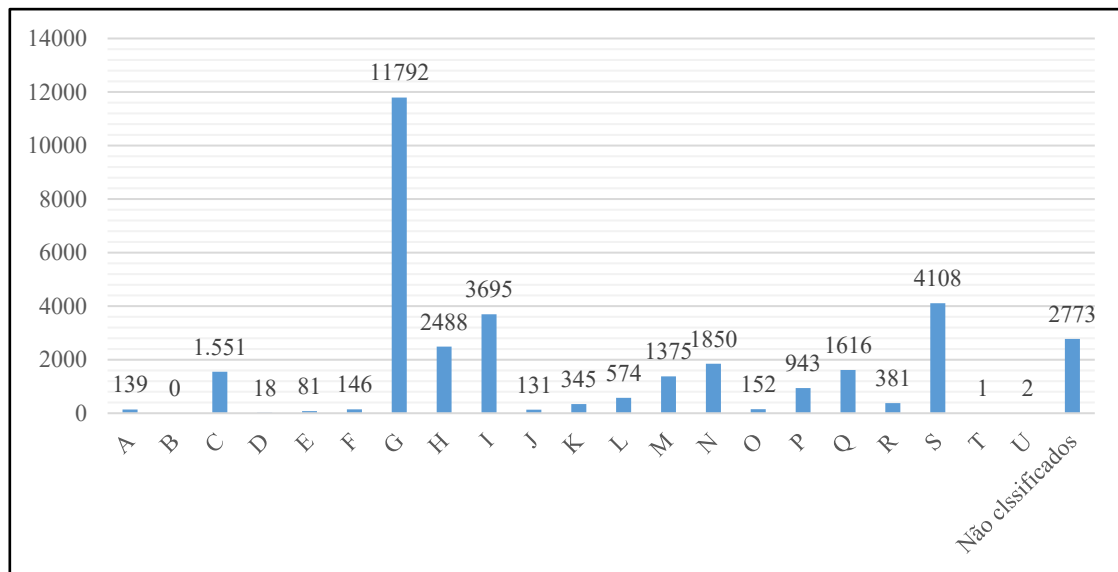
Após esta breve contextualização da cidade e, mais especialmente, do centro de Ribeirão Preto, podemos adentrar nas análises dos resultados obtidos por meio dos procedimentos metodológicos adotados e apresentados anteriormente. Em primeiro lugar exibimos, na Tabela 1, informações importantes: quantos endereços foram identificados no CNEFE para as variáveis 4, 5 e 6; a quantidade de endereços classificados e não classificados; e a porcentagem de classificação. Conseguimos um percentual de 92% dos endereços classificados, total que consideramos bastante satisfatório.

Tabela 1 – Total de endereços CNEFE: classificados, não classificados e o percentual de classificação obtido

Cidade	Total de endereços CNEFE	Total de endereços CNEFE classificados	Total de endereços CNEFE não classificados	% de classificação
Ribeirão Preto	34.161	31.388	2.773	92%

Fonte: IBGE. Org.: Victor Hugo Quissi Cordeiro da Silva

Na Figura 2 mostramos a distribuição dos endereços CNEFE por nível sessão da CNAE. A partir da análise do gráfico podemos observar que as sessões que se destacam são: **G** (Comércio; reparação de veículos automotores e motocicletas), **S** (Outras atividades de serviços), **I** (Alojamento de alimentação) e **H** (Transporte, armazenagem e correio), respectivamente em ordem decrescente de importância.

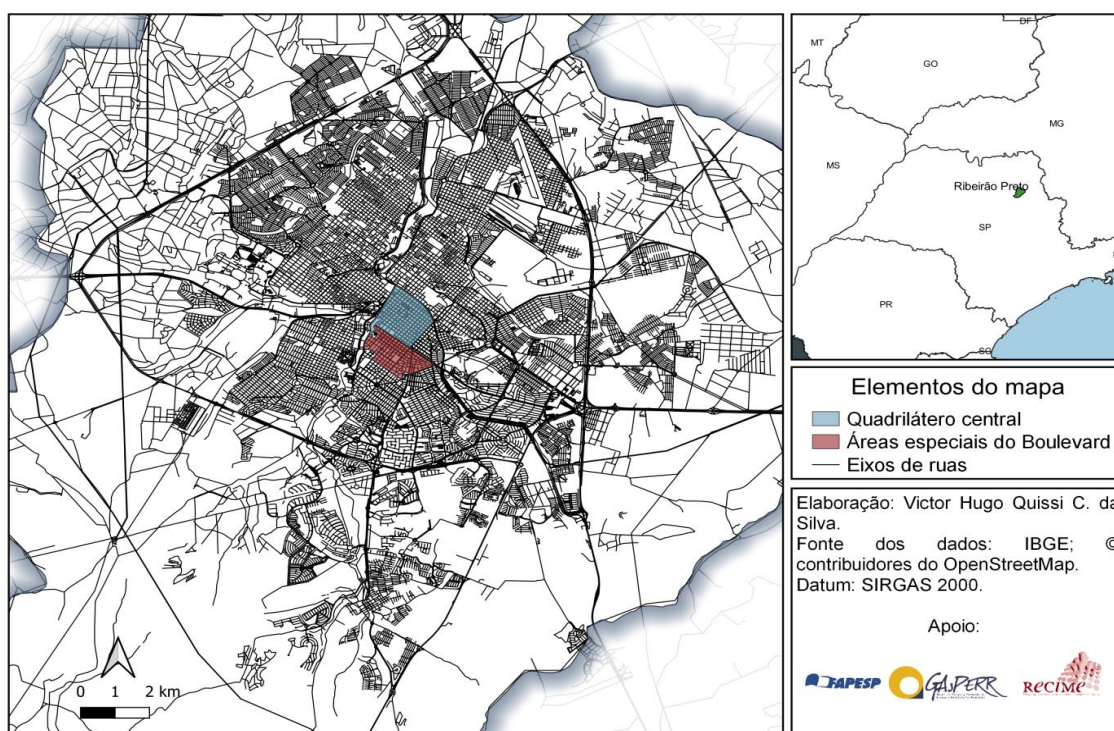
Figura 2 – Ribeirão Preto – Distribuição dos endereços CNEFE segundo a CNAE (nível sessão)

Fonte: IBGE. Org.: Victor Hugo Quissi Cordeiro da Silva

Buscamos no *site* da Prefeitura Municipal de Ribeirão Preto o zoneamento urbano aprovado, no qual consta a delimitação das áreas comerciais e de serviços, denominadas Quadrilátero Central e Áreas Especiais do Boulevard, ambas representadas no Mapa 1. As duas áreas são contíguas, levando-nos a considerar que a segunda é um desdobramento da primeira, ou seja, as áreas do Boulevard como parte da expansão do Quadrilátero central. No Mapa 2 vemos a representação cartográfica da classificação CNEFE, referente ao nível sessão da CNAE.

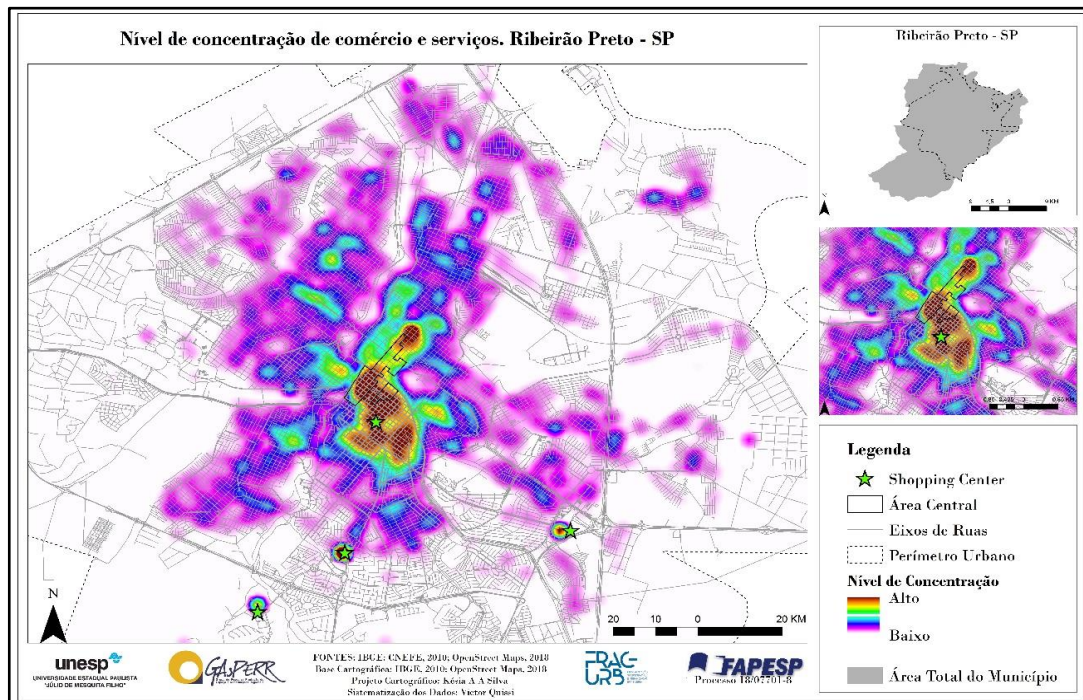
Como primeira observação apreendemos uma semelhança entre a concentração de estabelecimentos comerciais e de serviços e as duas áreas destacadas no Mapa 1, comprovada pela localização da principal mancha em vermelho nas áreas do Quadrilátero Central e nas Áreas especiais do Boulevard. Entretanto, o atributo da concentração não é mais exclusividade do centro principal da cidade porque também outras áreas se destacam como concentradoras de atividades comerciais e de serviços, revelando a tendência à multiplicação de áreas centrais.

Mapa 1 – Localização do centro de Ribeirão Preto



Fonte: IBGE; Prefeitura Municipal de Ribeirão Preto. Org.: Victor Hugo Quissi Cordeiro da Silva

Mapa 2 – Nível de concentração comercial e de serviços em Ribeirão Preto – SP



Fonte: IBGE/CNEFE (2010). Projeto cartográfico: Késia A. A. Silva e Vanessa Lacerda. Organização dos dados: Victor Hugo Quissi Cordeiro da Silva

Ao abordar o tema do centro e da centralidade urbana partimos da definição dada por Sposito (2013, p. 73) que escreve: “A centralidade (...) não é um lugar, ou uma área da cidade, mas, sim, a condição e expressão de central que uma área exerce ou representa.” A referida autora ao tratar do tema nos lembra de que esses conceitos devem ser compreendidos como interdependentes, ou seja, não há centralidade sem que exista um centro e não existe centro que não exerça determinado nível de centralidade. Em relação a definição do que são áreas centrais também ficamos com Sposito (2013, p. 73) que completa sua argumentação dizendo: “As áreas centrais são, assim, espaços que ancoram a constituição de centralidades, mas não são a mesma coisa que elas.” Destacamos que as afirmações da autora são discutidas também por outros pesquisadores, tais como Corrêa (2002) e Whitacker (2017a, 2017b), que abordam as interrelações entre centro e centralidade.

A partir de Sposito (2010), podemos afirmar que as áreas centrais possuem como uma de suas características o papel de ponto de integração geográfica e social. Esta afirmação pode ser constatada através dos fluxos que conectam a cidade a redes mais amplas, constituindo redes de cidades e, ao mesmo tempo, pela integração de diferentes espaços da cidade, no que denominamos neste texto como centralidade intraurbana. Dessa forma, afirma-se no território uma gestão em múltiplas escalas (SPOSITO, 1998), que passam pelas estratégias econômicas

e espaciais de diferentes grupos econômicos. Neste texto concentramos nossa análise nos processos socioespaciais intraurbanos, ainda que não possamos negligenciar as diferentes escalas que o fenômeno pode assumir.

Entre os processos socioespaciais que podemos identificar a partir da análise dos resultados é a desconcentração das atividades comerciais e de serviços. A forma espacial comumente denominada como centro da cidade ou centro principal é a expressão do processo de concentração espacial dessas atividades, porém, não é mais a única área que apresenta essa característica. O centro da cidade não exerce exclusivamente os atributos da centralidade urbana, quais sejam, a capacidade de atração e fluxo de pessoas e mercadorias. Portanto, novas formas espaciais expressam a realocização das atividades econômicas na cidade, associadas com a formação de novas concentrações (SPOSITO, 2001). Deste modo, subcentros podem ser interpretados enquanto aglomerações diversificadas de comércios e serviços e localizadas fora do centro consolidado. Como apresentado por Villaça (2001), as novas concentrações buscam áreas que possuam o atributo da acessibilidade, entretanto, esta diz respeito a apenas uma parte da cidade e não à cidade como um todo, como ocorre com o centro principal.

Duas dinâmicas econômica-territorial contribuem para a compreensão do processo de redefinição da centralidade urbana em Ribeirão Preto. As atividades comerciais e de serviços desenvolvem no espaço da cidade uma desconcentração e uma reconcentração, pois novas áreas centrais são constituídas. Sendo assim, podemos identificar dois elementos fundamentais deste processo, a seletividade e a diferenciação. As áreas atingidas pela reconcentração são seletivamente escolhidas e respondem a uma dada intencionalidade dos agentes econômicos, por outro lado, a formação dessas áreas também responde a produção e aprofundamento das diferenças entre os espaços da cidade. De acordo com Sposito (2001), essas dinâmicas ocorrem por meio da iniciativa de duas ordens, que se dão simultaneamente. As iniciativas referem-se ao “surgimento de novas atividades e estabelecimentos comerciais e de serviços fora do centro principal” que se combinam com a “relocalização, em novos centros, de atividades e estabelecimentos que antes estavam restritos ao centro principal” (SPOSITO, 2001, p. 236).

Devemos acrescentar ao debate a percepção de que a desconcentração das atividades comerciais e de serviços não ocorre de maneira anárquica no tecido urbano porque, paralelamente, há a formação de novas concentrações, fora do centro principal. Portanto, podemos caracterizar a nova estrutura urbana, no que se refere à centralidade intraurbana, como múltipla e polinucleada. Ao fazer referência a essas expressões estamos nos remetendo à definição formulada em Sposito (2010, p. 205), ao afirmar que “se constatamos a existência de

mais de um centro, temos uma *multicentralidade*. Se constatamos diferentes níveis de especialização e importância entre esses centros, estamos em face de uma *policentralidade*.” O aumento do número de áreas centrais é a superação da estrutura monocêntrica, autorizando a afirmação da centralidade intraurbana enquanto múltipla. Por outro lado, no que se refere sua policentralidade, devemos notar uma mudança qualitativa em relação aos usos e frequência dos espaços de consumo e lazer.

Em Ribeirão Preto, a partir dos resultados obtidos, podemos afirmar que os shopping centers cumprem um papel fundamental na redefinição da divisão social e econômica do espaço, alterando os fluxos e as relações entre o centro e a(s) periferia(s), como também foi observado em Pereira (2017). Em relação ao processo de redefinição da centralidade urbana cabe destacar a combinação entre continuidades e descontinuidades no processo de produção do espaço urbano, ou seja, a multiplicação de áreas centrais não exclui dinâmicas preexistentes que conformavam a cidade em tempos passados. A instalação do novo não exclui necessariamente o velho, configurando o espaço urbano como um “mosaico complexo” (SPOSITO; GÓES, 2013, p. 46). As marcas deixadas por tempos pretéritos podem ser visualizadas na paisagem urbana e formam uma configuração que podemos denominar como poligenética, tal como descreveram Whitacker e Miyazaki (2012).

Em Garrafa (2010) encontramos uma importante discussão sobre os shopping centers em Ribeirão Preto, incluindo o levantamento de fatores que contribuem para a localização desses empreendimentos. Segundo o autor, o modelo de organização e financiamento dos shopping centers implica numa maior racionalidade em relação ao processo de escolha das localizações, quando comparamos com o comércio de base familiar.

O shopping center como um produto imobiliário é um equipamento fundado na terra, dependente de uma localização favorável. Dessa forma, um dos aspectos mais importantes era o estar em algum lugar onde a combinação entre o maior fluxo com a maior renda fosse favorável (GARREFA, 2010, n. p.).

O privilégio dado aos fluxos se revela na busca por um mercado consumidor mais amplo, ou seja, na atração de consumidores das cidades polarizadas por Ribeirão Preto. Esta avaliação corrobora o interesse dos shopping centers por localizações que dão acesso a essas cidades, em geral em anéis rodoviários. Paralelamente, como também afirma Pereira (2017), essas estruturas são pensadas para clientes que utilizam o modal automotivo. No quadro 5 abaixo apresentamos os shopping centers de Ribeirão Preto e informações sobre o ano de inauguração e a localização relativa desses empreendimentos.

Quadro 5 – Shopping centers em Ribeirão Preto

Nome	Ano de inauguração	Localização
Ribeirão Shopping	1981	Periférica
Santa Úrsula	1999	Central
Novo Shopping	1999	Periférica
Shopping Iguatemi	2013	Periférica

Fonte: Pereira (2017). Org.: Victor Hugo Quissi Cordeiro da Silva

Em relação ao “clico de vida” dos shopping centers (GARREFA, 2010) é possível afirmar que ele não se encerrou na cidade de Ribeirão Preto. Tendo início nos anos 1980, ainda permanece como um importante espaço de consumo, inclusive com novos lançamentos em décadas posteriores. Em relação as estratégias locacionais e a centralidade urbana, percebemos ora o reforço da centralidade exercida pelo centro principal, ora a formação de novas centralidades, principalmente no setor sul da cidade. A localização do Shopping Santa Úrsula, no centro principal, ao mesmo tempo em que revela a força de atração que esta área exerce, reforça a sua centralidade. Por outro lado, Novo Shopping Center Ribeirão Preto, Ribeirão Shopping e Shopping Iguatemi são exemplos de formação de novas centralidades, redefinindo a estrutura urbana da cidade da mesma forma que ocorre em outras cidades médias brasileiras, como demonstraram Sposito e Lozano (2020), alterando os conteúdos do que é central, do que é periférico e da relação entre ambos.

Conclusões

A redefinição da centralidade intraurbana e formação de múltiplas áreas centrais são tendências que podem ser observadas em cidades médias brasileiras, como apresentamos em Ribeirão Preto. Apesar das leis de zoneamento urbano dos municípios definirem os limites das áreas comerciais e de serviços como sendo aquelas que, em tese, possuem maior número desses equipamentos, percebemos que na cidade em estudo ela não é exclusiva, pois outras concentrações foram identificadas.

Como observado no Mapa 2 deste texto, o centro principal possui a maior mancha de concentração de atividades do comércio e serviços, principalmente no chamado Quadrilátero Central e nas Áreas especiais dos Boulevards. Porém, outras áreas da cidade também apresentam concentrações de grande intensidade, revelando a tendência à desconcentração e reconcentração dessas atividades. Entre os agentes que vêm transformando a centralidade intraurbana os shopping centers se destacam devido à correlação entre as novas áreas centrais e a implantação desses empreendimentos. Entretanto, como também pode ser observado em

Pereira (2017), ao mesmo tempo em que esses grandes equipamentos marcam o reforço da centralidade do centro principal, eles também contribuem para a formação de uma centralidade múltipla.

REFERÊNCIAS

- BATTISTAM, C. K. **Procedimentos de pesquisa em Geografia do Comércio e do Consumo delimitação, intensidade e especialização de áreas centrais**. Análises a partir de Marília/SP, São Carlos/SP, e São José do Rio Preto/SP. 2015. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Geografia) – Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente, SP, 2015.
- CALIL JUNIOR, O. **O centro de Ribeirão Preto: os processos de expansão e setorialização**. 2003. Dissertação (Mestrado em Tecnologia do Ambiente Construído) – Escola de Engenharia de São Carlos, Universidade de São Paulo, São Carlos, SP, 2003. DOI:10.11606/D.18.2003.tde-16062021-175850.
- CARLI, L. A. D. **Delimitação, intensidade e especialização de áreas comerciais: uma proposição para o estudo das áreas centrais em cidades médias a partir da análise dos Índices de Densidade Informacional para os casos de Presidente Prudente - SP e Ribeirão Preto - SP**. 2016. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Geografia) – Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente, SP, 2016. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11449/139253>. Acesso em: 10 dez. 2022.
- CARLI, L. A. D. **Inovações tecnológicas e mudanças em padrões locacionais de atividades de comércio e serviços: estudo sobre a configuração da centralidade intraurbana em Ribeirão Preto (SP)**. 2019. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Faculdade de Ciência e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente, SP, 2019. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11449/181049>. Acesso em: 10 dez. 2022.
- CORRÊA, R. L. **O espaço urbano**. São Paulo: Ática, 2002.
- GARREFA, F. O shopping center em Ribeirão Preto: especificidades e tendências. *In: COLÓQUIO INTERNACIONAL SOBRE O COMÉRCIO E CIDADE: UMA RELAÇÃO DE ORIGEM*, 2., 2010, São Paulo. *Anais [...]*. São Paulo: FAUUSP/UFU, 2010.
- IBGE. **Regiões de influência das cidades 2018**. Rio de Janeiro: IBGE, 2020.
- MIYAZAKI, V. K. **Estruturação da cidade e morfologia urbana: um estudo sobre cidades de porte médio da rede urbana paulista**. 2013. Tese (Doutorado em Geografia) - Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente, SP, 2013. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11449/105090>. Acesso em: 10 dez. 2022.
- PEREIRA, C. S. S. A nova geografia do comércio e do consumo em cidades médias: produção do espaço urbano e reestruturação da cidade. *In: ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM*

PLANEJAMENTO URBANO E REGIONAL, 17., 2017, São Paulo. **Anais [...]**. São Paulo: [s. n.], 2017. v. 1, p. 1-19.

PORTO-SALES, A. L. **Situação Espacial de Franquias na América do Sul: morfologia e centralidade urbanas em cidades médias da Argentina, Brasil e Chile**. 2014. Tese (Doutorado em Geografia) – Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente, SP, 2014. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11449/122231>. Acesso em: 10 dez. 2022.

PORTO-SALES, A. L. *et al.* Pesquisa em Geografia urbana: desafios e possibilidades de análise espacial com o uso do Cadastro Nacional de Endereços para Fins Estatísticos (CNEFE). **Caderno Prudentino de Geografia**, Presidente Prudente, v. 2, n. 36, p. 81-103, ago./dez. 2014.

RUANO, T. L. **Procedimentos de Pesquisa em Geografia do Comércio e do Consumo e novas possibilidades de mapeamento**. Análises a partir de Londrina (PR), Presidente Prudente (SP) e Ribeirão Preto (SP). 2015. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente, SP, 2015.

SPOSITO, E. S.; LOZANO, L. P. G. O comércio de eletrodomésticos no estado de São Paulo: o papel das cidades médias na rede urbana paulista. *In: CACHINHO, H.; SALGUEIRO, T. B.; GUIMARÃES, P. (org.). Comércio, consumo & governança urbana*. Lisboa: CEG - Centro de Estudos Geográficos, 2020. p. 224-244.

SPOSITO, M. E. B. A gestão do território e as diferentes escalas da centralidade urbana. **Rev. TERRITÓRIO**, v. 3, n. 4, jan./jun. 1998.

SPOSITO, M. E. B. Multi(poli)centralidade urbana. *In: SPOSITO, E. S. et al. (org.). Uma geografia em movimento*. São Paulo: Expressão Popular, 2010.

SPOSITO, M. E. B. Novas formas comerciais e redefinição da centralidade intra-urbana. *In: SPOSITO, M. E. B. (org.). Textos e contextos para a leitura geográfica de uma cidade média*. Presidente Prudente, SP: Pós-graduação em Geografia da FCT/UNESP, 2001. p. 235-254.

SPOSITO, M. E. B. Segregação socioespacial e centralidade urbana. *In: VASCONCELOS, P. de A.; CORRÊA, R. L.; PINTAUDI, S. M. (org.). A cidade contemporânea*. Segregação espacial. São Paulo: Contexto, 2013.

SPOSITO, M. E. B.; GÓES, E. M. **Espaços fechados e cidades: insegurança urbana e fragmentação socioespacial**. São Paulo: Editora da UNESP, 2013.

SPOSITO, M. E. B.; SPOSITO, E. S. Articulação entre múltiplas escalas geográficas: lógicas e estratégias espaciais de empresas. **GEOUSP (USP)**, v. 21, n. 2, p. 462-479, 2017.

VILLAÇA, F. **Espaço intra-urbano no Brasil**. São Paulo: Studio Nobel: FAPESP: Lincoln Institut, 2001.

WHITACKER, A. M. Centro da cidade, centralidade intra-urbana e cidades médias. *In:* MAIA, D. S.; SILVA, W. R.; WHITACKER, A. M. **Centro e centralidade em cidades médias**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2017a.

WHITACKER, A. M. Centro da cidade: consolidação e expansão. *In:* MAIA, D. S.; SILVA, W. R.; WHITACKER, A. M. **Centro e centralidade em cidades médias**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2017b.

WHITACKER, A. M.; MIYAZAKI, V. K. O estudo das formas da cidade no âmbito da Geografia Urbana. Apontamentos metodológicos. **GOT Geografia e Ordenamento do Território/Centro de Estudos em Geografia e Ordenamento do Território**. Lisboa/Porto: 2012.

Processamento e editoração: Editora Ibero-Americana de Educação.
Formatação e normalização.

